

14-10-2016 às 22:59

0

Mulheres refugiadas fogem da violência, mas não encontram segurança na Europa

Por Fátima Moura da Silva

Violadas, agredidas, molestadas ou mesmo raptadas por redes de tráfico e prostituição, mulheres e meninas refugiadas devem ser objecto de condições e medidas especiais que lhe assegurem a segurança, defendem ONG e activistas que hoje se reuniram numa conferência internacional na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Em fuga de um cenário de violência avassalador, as mulheres constituem um dos grupos mais vulneráveis dos refugiados que chegam à Europa, mas nem na viagem nem no destino encontram segurança.

O grau de violência não é conhecido ao certo. As mulheres que chegam à Europa provenientes de países como a Síria, Afeganistão, Iraque, Somália, Sudão do Sul e outros têm dificuldade em falar das situações de violência em que estiveram e estão envolvidas, por medo dos agressores ou por incapacidade de reconhecer - por razões culturais - aqueles actos de que são vítimas, afirmou Lora Pappa, fundadora da ONG grega METAdrasi e galardoada com o Prémio Norte-Sul 2015.

«Há crianças e mulheres abusadas sexualmente por 5 euros. Aceitam situações de favores sexuais para sobreviver», garante Pappa, que aponta a falta de segurança e as situações de violência sexual como o principal problema que aqueles grupos enfrentam nos campos de refugiados. Além disso, quando por fim falam, a polícia e os tribunais são muitas vezes incapazes de identificar os agressores, dado o caos que se regista nos campos de refugiados.

As próprias legislações nacionais são limitativas dos processos judiciais em que as mulheres se possam envolver contra os seus agressores. Na Macedónia, por exemplo, a mulher terá que permanecer no país até ao fim do processo, impedindo-a de prosseguir caminho para outro país de acolhimento.

A ativista, que tem actuado nos campos de refugiados no apoio e encaminhamento de grupos mais vulneráveis como mulheres e menores não acompanhados - a Grécia, juntamente com Itália, é um dos *hotspots* de chegada de milhares de migrantes - considera ser urgente criar alojamentos separados para mulheres e homens, com exceção das famílias, aplicar segregação de género durante as actividades básicas (como manutenção da higiene), dotá-los de segurança 24 horas por dia, e identificar e eliminar as redes de tráfico que ali actuam e que beneficiam dessa falha, tal como da morosidade do processo de recolocação dos migrantes.

«Perdemos a oportunidade de ver reflectida a solidariedade dos cidadãos europeus nos seus representantes políticos. A mensagem não passou», lamentou Lora Pappa, frisando que a mobilização civil que se verificou em muitos países da Europa em relação aos refugiados não teve eco a nível político.

As restantes conferencistas concordam, sublinhando ainda a necessidade de mais intérpretes, bem como do ensino das línguas no país de acolhimento ou de trânsito, a fim de aumentar a autonomia e empoderamento das mulheres.

«As mulheres enfrentam violência nos seus países e quando chegam à Europa continuam a sofrer violência», salienta Pierrette Pape, do Lobby Europeu de Mulheres. Além da necessidade urgente de suprir necessidades básicas específicas das mulheres, nomeadamente com o que designa de *kit de dignidade* (higiene), métodos de contracepção e acesso à realização de aborto em casos de gravidez após violação.

«Se perguntarem às pessoas nos campos o que querem mais que tudo, elas dizem que é segurança e paz», afirma.

Durante o ano passado, chegaram às costas da Europa cerca de 1,3 milhões de migrantes provenientes de países como Síria, Iraque, Afeganistão ou Eritreia.

Até ao final de 2015 havia 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos em todo o mundo, um aumento de quase 10% se comparado com o total de 59,5 milhões registado em 2014. Esta é a primeira vez que o deslocamento forçado ultrapassa o marco de 60 milhões de pessoas. No final de 2005, o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) registou uma média de seis pessoas deslocadas a cada minuto. Hoje, esse número é de 24 por minuto.

A Síria (com 4,9 milhões de refugiados), o Afeganistão (com 2,7 milhões) e a Somália (com 1,1 milhão) totalizam mais de metade dos refugiados sob o mandato do ACNUR.

A conferência «Mulheres Refugiadas em Trânsito entre Discriminações Múltiplas» foi organizada pela Fundação Friedrich Ebert, Associação Mulheres sem Fronteiras, da Faces de Eva – CCIS.NOVA e Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres.

Leia outras relacionadas:

- [Ana Gomes: Europa viola direitos humanos de muitos refugiados e alimenta negócio do tráfico](#)

Comentários

Todos os comentários estão sujeitos a moderação. O DD reserva-se o direito de apagar os comentários que não cumpram as regras de utilização. Os comentários publicados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

0 COMENTÁRIOS Diário Digital

 Iniciar sessão

 Recomendar  Partilhar

Mostrar primeiro os mais votados



Escreva o seu comentário...

Seja o primeiro a comentar!

 Subscriver  Acerca do Disqus  Adicionar o Disqus  Adicionar  Privacidade